



Gaiato

1 DE ABRIL DE 1972
ANO XXIX — N.º 732 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Setúbal

Para sossegar os espíritos mais sófregos podemos anunciar-lhes que a nossa festa vai ser em Setúbal, no Luisa Todt, no dia 12 de Abril, uma quarta-feira, às 21 horas e meia.

Os mais velhos têm ensaiado a todos os recreios e sacrificia-

do os reduzidos momentos de ócio que esta organização de Rapazes lhes proporciona.

Querem proporcionar a todos os nossos amigos uma noite alegre no gozo jovem de uma festa de anos a celebrar simbolicamente numa opereta castiçamente gaiata.

Em Palmela, estaremos na Humanitária a 16, domingo, à mesma hora.

X X X

O ano passado plantámos um lindo pomar de mais de duzentas laranjeiras oferecidas pela Estação de Fruticultura de Setúbal. Emolduram o campo de futebol, a piscina, o parque dos mais pequenos e oferecem um ambiente de beleza e frescura e abundância à parte trazeira da nossa Casa. Num dia destes encontrei paz ao deltar abaixo os rebentos novos do tronco bravo dos pequenos citrinos. Fez-se luz no meu espírito. Ganhei coragem. Oíhei a beleza das árvores e sonhei-as daqui a meia dúzia de anos carregadas de lindos frutos vermelhos a salpicar o verde escuro das copas frondosas.

Tenho andado arrazado. So-nhava este ano com um aproveitamento em cheio de todos os Rapazes. As desilusões são o sofrimento maior da vida humana.

Um grupo de adolescentes organizou uma batalha para a sua derrota, tentando derrotar-me a mim. Eles sabem, por intuição, que me derrotam derrotando-se e me vitoriam vencendo-se.

O primeiro assalto foi dado pelo Pedro. O Pedro é generoso e bom. Foi na conversa dos derrotados que falam sempre numa linguagem fácil de se-

Cont. na TERCEIRA página

Festas

Enquanto a zona norte vai saboreando em festa a nossa presença, a zona centro prepara-se para nos receber depois da Páscoa.

Temos a romaria do centro quase organizada. Partiremos na noite do dia 8 da Lousã, saltaremos ao Luso, passaremos a Coimbra, iremos pela beira mar, subiremos à serra e descenderemos de novo a Coimbra.

As terras do costume todas prometeram abrir-nos alegremente as portas. Luso e Ceira teimam que nos não-de receber bem.

Em nossa Casa a azáfama continua. Ontem a «Opel» foi buscar uma carrada de instrumentos que visinhos nos emprestaram. Há alvoroço em todos os cantos. As festas são festas.

Multa atenção ao itinerário, que publicamos na 4.ª página.

Padre Horácio

Aqui Lisboa

Se não fora a presença de Alguém, cujo anonimato escrupulosa e gostosamente, como é hábito, respeitaremos, quase se poderia dizer ter sido em vão, até agora pelo menos, o que aqui escrevemos a propósito das «Bodas de Prata» da Casa do Gaiato de Lisboa. Só o facto, porém, de nos considerarem como «intermediários» na transferência para esta Casa de «alguma coisa que Deus e a Sociedade nos vão entregando», compensa bem os esforços realizados no dia a dia do posto de combate em que nos situamos. O bafo das almas grandes, que as há ainda, é algo que nos aquece e transmite confiança optimista, no meio das dúvidas e das inquietações dum mundo cheio de contraste, em que o egoísmo e a desorientação parecem imperar.

X X X

Fora os nossos Tropas, temos presentemente entre nós 104 Rapazes. Até ao momento em que escrevemos, desde o início do ano, já recebemos 23 pedidos de admissão que não pudemos atender. Não corremos, pois, o perigo de ver a Casa vazia. Quem estará, porém, disposto a renunciar à vida vulgar, tantas vezes oca de sentido, para olhar pelos filhos de ninguém? O mundo anda cheio de palavreado e de «slogans» sem repercussão vital! «Tudo o que fizeste a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizeste», eis a palavra do Mestre de quem muitos ainda se dizem discípulos. Não haverá pelos Seminários, ou fora deles, Jovens dispostos a darem a vida «até ao desgaste final», como disse Pai Américo? E Senhoras, não se encontrarão por aí à procura de se realizarem em pleno, ao sabor dos grandes ideais do Evangelho? Tanta

Cont. na QUARTA página

Lourenço Marques

UMA NOVA PERSPECTIVA
DA NOSSA ESCOLA



Contrastes: — Foram dias de intensa amargura os que há pouco vivemos. Imprensa e rádio de mãos dadas, com honras de primeira página ou em perfidos de emissão com grande destaque, anunciavam concursos, farras, onde se queimavam grandes somas de dinheiro, em holocausto ao deus-ventre, ao deus-prazer.

Entretanto, à nossa porta iam chegando gemidos. Era o caso daquele garoto que se viu de um momento para o outro privado do pai, que foi preso, e abandonado da que fazia as vezes de mãe. Restava uma ve-

lha avó, sem poder pagar a renda de casa, sem meios materiais para acudir ao sustento do seu neto e à sua educação.

Mais o caso daquela mãe que se viu abandonada pelo marido, com sete filhos ao seu redor. Mais outra nas mesmas circunstâncias. E poderíamos continuar. É a cidade do cimento a crescer e a empurrar para longe a cidade dos adobes das cubatas, sem condições de vida, onde a doença mina os corpos e mata as crianças inocentes. Uns gozam des-

Cont. na QUARTA página



ALGERUZ (Setúbal) * BEIRE (Paredes — Douro) * BENGUELA (Angola) * Cumeada — COIMBRA * R. Ricardo Espírito Santo, 8 r/c D.to — Lisboa * MALANJE (Angola) MIRANDA DO CORVO * PAÇO DE SOUSA * Rua D. João IV, 682 — PORTO * SANTIAGO DO INFULENE (Lourenço Marques) * SANTO ANTÃO DO TOJAL (Loures) * Largo das Areias — SETÚBAL



PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

LAVOURA — Graças a Deus, cá em nossa Casa, não faltam legumes. Quando chega a temporada da batata e da cebola, no espaço de duas ou três semanas desaparece tudo. Não sei se os leitores sabem da grande crise que está a afligir o Cavaco, a respeito da água. Segundo dizem, nós estamos beneficiados, porque o nosso lençol de água mantém-se. Os nossos vizinhos têm os bananais a morrer, devido à água salgada, que os motores puxam. É uma coisa triste, não é? Deus queira que S. Pedro mande uma boa chuvada, para todos os cavaqueiros ficarem satisfeitos com as suas colheitas.

OFICINAS — Não calculam o trabalho que os serralheiros estão a executar, na montagem de cento e vinte camas, para ver se mudamos para as novas habitações, e que são uma tentação, de beleza. Já agora convidamos os nossos leitores para uma visita, e apreciarem os encantos, e a beleza da nossa futura Aldeia, uma vez que a estrada está boa.

FUTEBOL — Mais uma vez a nossa equipa de futebol de salão vai ser apresentada em campo, para receber os aplausos quentes do Público. Por agora faz-nos falta uma bola para esse desporto; se alguém no-la quiser oferecer agradecemos.

Armando Belo



CALVÁRIO

PAGAR... — Já aqui tem sido dito que para aqui vem de tudo... Por se tratar de casos tão complicados poderíamos ficar calados e sofrer só nós, com eles. Mas não. Porque se trata de repetir mais uma vez o que Pai Américo dizia: «Nós somos a Porta Aberta». Queremos com isto afirmar que na verdade isto vai sucedendo nos nossos dias. São feridas abertas a quem tanto se sacrifica para que as nossas limitações façam aquilo que a tantos passa indiferente... para não falar noutros aspectos!

Quero, pois, que fiquem a saber — se ainda não sabem — que nem todos compreendem a nossa missão. Basta referir dois doentes que aqui se encontram há 12 e 8 anos res-

pectivamente. Estas ingratidões não têm paga... E de quem a culpa? De nós? O amigo já pensou seriamente que nós somos limitados?

BOMBEIROS — Aqui há tempos foi solicitada a presença destes homens de boa vontade. Não havia sinais de fumo ou gritos de gente a afogarem-se. Simplesmente o nosso velho motor que estava instalado no poço não conseguiu aguentar mais o trabalho de arrancar a água. Por isso a única coisa foi trazerem a certeza de que teríamos água para cozinhar e beber!

VISITAS — Estava um dia muito bom para estar em casa. Mas para quem sente preocupação pelos irmãos que aqui estão vieram grupos de homens que nem o mau tempo os deixam ficar quietos!

Quem dera que aquela frase que eu ouvi se manifestasse de uma maneira prática:

«Viemos aqui não para ver casas, mas para termos a certeza de que os nossos sofrimentos e contrariedades são uma ridicularia quando verificamos que tantos sofrem com as suas enfermidades!»

Manuel Simões



MIRANDA DO CORVO

TEMPORAL — A nossa Aldeia foi uma das que o vento e a chuva atacaram muito forte, mas não fizeram muitos prejuízos graças a Deus.

REGRESSO — Mais um dos nossos tropas cumpriu o serviço militar em Angola e regressou. Foi o Elísio! Veio num domingo de frio. Fomos buscá-lo à estação. Correu logo de boca em boca «já veio o Elísio!»

Ficou o Elísio, chefe do campo, pois tirou a carta de condução em Angola e agora anda a lavar a nossa vinha para semearmos as batatas, que são a nossa riqueza.

LAVOURA — As nossas favas com o tempo vão crescendo pouco a pouco. Já plantámos algum cebolo e por Deus pegou todo. As nossas nabijas e os alhos também lá vão indo. Vem o tempo da plantação das batatas e se ele nos ajudar, também se plantarão depressa, pois temos cá bons trabalhadores.

Já podámos a vinha e as videiras da nossa Aldeia.

UM PEDIDO — Os nossos Rapazes maiores estão decididos a arranjar um conjunto para as festas, e assim

agradarem mais ao público; mas há um grande problema: são os instrumentos que não temos!

Se algum dos nossos amigos leitores tiver algum instrumento, era favor mandar-nos.

Não é só a nós que nos ajudam, mas também aos amigos espectadores das nossas festas. O que agora se quer é música nova e boa. Pois nós esperamos com ansiedade.

FUTEBOL — A equipa da nossa Casa não tem tido adversários! Não sei se é dos buracos que as nossas chuteiras têm ou se é da lama dos campos. Pois de chuteiras é uma miséria e dos equipamentos nem se fala. Quanto à chuva depende do tempo. Se tiverem chuteiras ou equipamentos que já não precisem, nós agradecemos muito. Quanto aos jogos, aguardamos e vamos treinando cá com os da Casa, pois nós pensamos em ganhar o campeonato para o ano...

Carlos Gomes



Notícias da Conferência do Lar do Porto

Amigos, tal como prometi, estou novamente a escrever para vós. Para vos continuar a lembrar os casos que nos vão surgindo.

Mas sem deixar de citar que ler só não chega, é preciso acção. E mais: precisamos que colaborem conosco na ajuda do bem-fazer pelos outros.

Desta vez estou a escrever com a triste lembrança do que vi, há momentos, em casa de uma pobre família que visitei.

Uma família pequena mas com uma grande cruz; um homem surdo e nada saudável pelos maus tratamentos que a sua vida de doente lhes têm trazido. Uma mulher doente e gasta pelos anos e pela luta da sobrevivência.

E um filho ainda na flor da idade, mas já com os vestígios do ambiente e da herança de seus pais.

Desta vez estavam todos de cama. E contemplando o lindo cenário que os rodeia: um quarto sem luz. Paredes escuras pelo fumo da cozinha, que é na mesma. O tecto, só por milagre ainda não caiu sobre estas criaturas de Deus. As janelas pregadas e trancadas para não cederem ao vento; os sítios onde dantes estiveram vidros estão agora ocupados com placas e cartões para impedir as chuvas e os ventos.

Mas, o mais curioso, é que estas famílias não se encontram ali por esmola, nem por favor, mas sim mediante o pagamento de uma renda — 200\$00 por aquele imundo sótão!!! Falo neste mas não esqueço que não é o único, há várias dos nossos assim. Ao escrever dedico um apelo para

que façais um pouco de justiça e vos volteis para casos como este.

Nem todos se esquecem de nós; houve quem se lembrasse. Assim, tivemos no Espelho da Moda um envelope com 50\$00, dum anónimo de Nazaré. E ainda uma carta que nunca falta e todos os meses cá aparece, com estas frases tão belas: «Em acção de graças aos corações de Jesus e Maria, para que continuem a guardar meu filho».

José Maria



Guiné

Já tínhamos passado naquela estrada. Muitas vezes. Mata dum lado e doutro. Cerrada nuns pontos. Pequenas clareiras, devidamente enquadradas. Árvores silvestres; lianas enroladas no tempo senil das árvores. Árvores essas de tronco robusto ditando idade a quem passa. A presença de vida humana por ali é escassa. Com os olhos no chão; procuramos vestígios. Capim, aqui e ali, deitado abaixo. Pegadas pequenas, deixadas ao acaso. Indícios de macacos! Uma vista apurada nota que quem ali passou ia apressado. Melhor, corria...

Éramos 24 indivíduos ao todo. Todos metropolitanos, excepto o guia. De Trás-os-Montes ao Algarve, ali representantes. Esta pequena elite de combate, da vanguarda! Estávamos sensivelmente ao quilómetro oitavo. E mais havia! Simples missão de rotina. Igual a tantas outras. No dia seguinte era o nosso 14.º mês neste pedaço arrancado à África. Ontem, quase ignoto. Hoje, falado e conhecido por

Rogério



Casamento do nosso José de Sá Cruz com Angelina de Oliveira Coimbra



No monte dos apontamentos, de donativos que nos chegam todos os dias, e desde a última vez que esta rubrica saiu a lume, temos a presença, sempre no dealbar do primeiro dia do ano, de casal amigo. Vem já de há muito. São 24 contos, vieram entregar em mãos. Se impossível aparecer, a tradição não se quebra, pois o testemunho de bondade daquele casal, passa a seus familiares.

E vamos iniciar o rol de donativos. 100\$ mensais, vindos da Amadora, em selos de correio. Anoto quatro presenças. Clarinda com 20\$00. De «uma mãe de longe», um rand. Pacotes de roupas de Lisboa, Odivelas, Porto, Estoril, novamente Lisboa, Gaia e Pedrogão do Alentejo. De Benedito Barros & C., um corte de flanela com 15 metros. E um broche em ouro, uma viola, livros, vestário etc., do ass. 7969, do Porto. Objectos enviados com muito amor.

Orquídea, de Ermesinde, com 50\$00, pedindo orações. 220\$, do Pessoal da Casa Rocha, na sua passagem anual pela nossa Casa. 60\$00 para amendoas, de Lisboa. 100\$00 do Porto. «Mais uma migalhinha do aumento de ordenado de meu filho Victor Manuel — 20\$00». De Aveiro, em cumprimento duma promessa, 500\$00. A da com 100\$00. Roupas da Venezuela. Devota de Pai Américo, com 50\$00. Igual quantia de Coimbra. Assinante do Porto com 150\$. De M. S. N., de Lisboa,

Do que nós necessitamos

1.800\$00. Mais um vale de correio, na importância de 1.980\$, dos Empregados do Crédito Predial Português, na Rua Augusta. Paula Dias & Filhos, L.da, de Aveiro, com 500\$00. Amigo de Ermesinde, com cheque de 250\$. Rio Tinto com 100\$00. Assinante da mesma localidade, com a presença habitual. Da Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, a quando da nossa festa ali realizada, 820\$ de Reclusos e 264\$ de Funcionários.

Do Porto, uma cartinha amorosa, com beijos aos «Batatas» e mais 50\$00. Da Avenida Camilo, 500\$00. Anónimo com 50\$. Da Princol, 100\$. De Clara e José Flores, 55\$. Ass. 12484, com encomenda de roupas. 100\$ do Porto. Mais anónimo, da Rua Diogo Brandão, com 150\$. «Obra de Deus — para os Pobres», com 3 presenças mensais de 40\$ cada. Também de Valadares, uma presença muito silenciosa, de todos os meses, de 300\$ e 200\$. S. Pedro do Sul com 20\$. Anónimo do Hospital de S. Francisco, com 835\$.

50 dollares, enviados de Rotterdam, pelo nosso bom amigo Mário Veronetto, que não nos esquece nunca. Mais vestuário e calçado de Lisboa. Envelope entregue no teatro de Amaranthe, com 3.700\$00. Ainda outro donativo no mesmo teatro, de 1.500\$00. Admiradora de Angola, com 1.000\$00. Da nossa «Recoveira» (assim se intitula da velha amiga), do Bairro da Pastelaria, 350\$ e 370\$00. Para sufragar a Alma de João José Duque Júnior, 100\$. Anónimo do Porto, 50\$00. De Cadaval, revistas, roupa e tecidos, enviados por cliente da nossa Tipografia, de há longos anos. Mais roupa da Suíça. De M. O. V. C., de Lisboa, 1.000\$00, por uma graça recebida. Da Sociedade de Cristais,

um vale de 200\$00. Da Farmácia Chão Verde, de Rio Tinto, 200\$00, azeite, cobertores e revistas, e o muito amor que nos dedicam.

Leitora de Caldas da Rainha, envia-nos 240\$00, amealhados entre pessoas amigas, assim discriminados: 100\$00 de Manuel Pinto, da Escola de Condução Auto-Caldense. De duas irmãs, do Bairro do Arneiro, 50\$00. Mila e Emília Lourenço com 20\$00 cada. E 50\$00 desta senhora.

Vestuário do Patronato de Galveias. Mais roupas de Almada e 50\$00. Vila da Feira, ass. 31725 com 200\$00. Cheque de 500\$00 de Tomar. Três irmãos com 300\$00. Porto com 50\$00. Do Bairro Fernão Magalhães, 40\$00. Por alma de

Cecília Basto Correia, 1.000\$. De Lisboa, 100\$00. Diversos donativos entregues no Lar do Porto. De algures, um cheque de 3.030\$00. Mais anónimo com 150\$00. E 20\$00 de Maria Angelina. «Por alma de Manuel», 50\$00 + 50\$00. Amiga do Henrique com 280\$ e 53\$00. E a oferta de sementes, sempre que delas precisamos, de Alípio Dias & Irmão.

50\$ de Maria Ferreira da Rocha, em agradecimento a Pai Américo, por lhe ter aparecido um anel que havia perdido. De Lisboa, cheque de cinco contos. De L. S. C., 100\$. Da Invicta, 120\$00. Mais uma nota de 100\$00, da Golegã. Encomenda de roupas, da Covilhã. 20\$00 da Amadora. António com os 200\$00 de sempre. Ilda com um vale de 150\$00. Amigo de Santander com 1.000\$. Duas presenças mensais, de 150\$00 cada. Maria Antonieta com 200\$00, do primeiro ordenado de sua filha. Ainda o carregamento habitual, de encomendas, donativos e muito carinho, que trazemos do Espelho da Moda, sempre que por lá passamos.

Cont. na QUARTA página

Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

guir. Depois de convencer os seus amigos da intenção que o dominava, fugiu. A mim não convenceu. Nesse mesmo dia fui buscá-lo. E o outro regressava ao seu lugar no Liceu. Tenho fundada esperança que o Rapaz há-de arribar.

Com o Jorge Páscoa o problema complicou-se mais. Tinha fugido no fim de Janeiro e andou na vadiagem quinze dias. Voltou e abrimos-lhe as portas e os braços. O coração ficou à espera de saber se regressava contrito. O Páscoa chorou e prometeu, mas o coração continuou empedernido e indiferente ao sofrimento e trabalho dos que o amam. Faltou à Escola Industrial e fugiu. Decidi não o deixar na vadiagem como dantes. De noite, por montes e vales, nas barracas, nas covas e nas vielas, nas ruas e avenidas, nos barcos e sucatas, nos clubes, nos cafés e nas tabernas procurámos a ovelha perdida. Achámo-la em casa de uns amigos!... Há sempre amigos!... São os da iniquidade.

O nosso homem gabou-se aos colegas de quarto, quando se deitava, que, na manhã seguinte, fugiria. Assim fez.

De noite, numa noite fria e chuvosa, procurámos por toda a parte o nosso jovem.

Nada. A cama nessa noite não me aqueceu. O sono não veio, mas o desânimo não me venceu. A indignação dos Rapazes conscientes ferve-lhes na alma. Eles próprios organizaram um policiamento na cidade e o Páscoa foi «caçado», com bilhete para o cinema, a jogar bonecos, numa taberna.

Malanje

Não te admires se eu te disser que não pagámos tudo em 71. Ficaram umas costeletas... Bem lhes dou voltas, mas são de vaca antiga. Esperamos o milho e o algodão. Mas já outras estão na frigideira e eu atrapalhado com estas.

Por outro lado, e graças a Deus, a família cresceu. Vamos a caminho dos oitenta! Mais ricos! Mais felizes!

As verdadeiras Mães em cada nova vida sentem multiplicado o seu amor e a sua força para dar-se.

Visado pela Comissão de Censura

Jogo legalmente permitido só a maiores de 21 anos!

Pedi a intervenção da autoridade que foi compreensiva e zelosa. O Páscoa esteve no Aljube. Foi à presença do Juiz! Pela mão da autoridade voltou ao nosso seio.

Desejamos ardentemente que o seu coração se converta e se volte de novo para o caminho da vida.

Como é difícil fazer um homem!

Ao deitar abaixo os rebentos bravios do tronco velho das jovens laranjeiras encheu-se-me a alma de esperança. Quero sonhar nos frutos belos e abundantes destes Rapazes da rua que amanhã hão-de ser homens no meio dos homens. Quero viver desta esperança de primavera e de Ressurreição.

Padre Acílio

Carta aos nossos Tropas

É sobretudo a vós, embora não só, que estou em longa dívida de correspondência. Prevencão não me poder pôr em dia tão depressa quanto desejava, sempre me resolvo a esta notificação colectiva no nosso Jornal, que é, aliás, o portador, quinzenalmente fiel, das nossas mais importantes notícias. No entanto eu compreendo — e regozijo-me — que elas não vos bastam. Há toda uma necessidade de minúcia, desigual para cada um de vós, mas real para todos. Dizia-me um, há algum tempo: «Gostaria que me contasse coisas daí, as obras, como vão os Rapazes, se houve muita fruta este ano, etc. São coisas que gostaria de saber, para quando chegar aí não estranhar. Vi no Jornal a foto do filho do João. É muito bonito. Já sei que o Matos tem um herdeiro. No futebol a nossa equipa é sempre a mesma máquina. Sei muitas coisas, mas gostaria de saber mais».

Outro diz o mesmo por outras palavras: «Padre, gostaria que quando escrevesse dialogasse mais um bocadinho comigo. Eu sei que nem sempre pode ser — mas se, de vez em quando, me escrevesse mais um bocadinho, a contar-me coisas, está bem? Não leve a mal este meu pedido».

Como poderia eu levá-lo a mal se, pelo contrário, ele me traz tão grande compensação áquela esforço que, dia-a-dia, tantas vezes nos parece inútil e inglório, mas que, visto à distância, nos dá a ideia mais próxima de seu real valor!

Outro ainda acrescenta: «Por aí há muitos problemas? Não faça de mim operário... En-

quanto da Obra, quero — direi mesmo — tenho direito a sentir os seus problemas. Depois, quando menos ligado, mas sempre unido, tentarei não me esquecer».

Quem me dera não ter mais nada que fazer; ou não ter que dar prioridade a outra correspondência, mais burocrática, mais ligada à administração da Obra, apesar de a reputar bem menos importante do que aquela que, quando vocês estão longe, nos mantém unidos, senão mesmo reforça a união antes construída e agora mais consciencializada! E, afinal, nem neste ponto são mais felizes muitos pais de família, de quem os filhos andam mais longe do que vós! Deus é Pai e não falta a quem O serve. Se nem todos correspondem na aceitação ao amor de Família que lhes pertence, muitos tomam-no como direito seu e retribuem. Ainda há pouco, aqui no palco do «Aveirense», de onde vos escrevo, dei com o «Zé Bolas», desde há três anos bem experimentado no Hospital Militar por 19 operações, e que veio, com breve licença, assistir ao funeral de sua Mãe. Esperançado na alta definitiva lá pelo meio deste ano, pensa para então o seu casamento. «Olhe que eu quero casar em uma das nossas Casas». Há quantos

Cont. na QUARTA página



Pto. Emma, Snra. 23126
D. Maria Margarida Ferreira
Rua das Flores, 281
PORTO



Gaiato

1 DE ABRIL DE 1972
ANO XXIX — N.º 732 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Setúbal

Para sossegar os espíritos mais sófregos podemos anunciar-lhes que a nossa festa vai ser em Setúbal, no Luisa Todt, no dia 12 de Abril, uma quarta-feira, às 21 horas e meia.

Os mais velhos têm ensaiado a todos os recreios e sacrificações

do os reduzidos momentos de ócio que esta organização de Rapazes lhes proporciona.

Querem proporcionar a todos os nossos amigos uma noite alegre no gozo jovem de uma festa de anos a celebrar simbolicamente numa opereta castiçamente gaiata.

Em Palmela, estaremos na Humanitária a 16, domingo, à mesma hora.

X X X

O ano passado plantámos um lindo pomar de mais de duzentas laranjeiras oferecidas pela Estação de Fruticultura de Setúbal. Emolduram o campo de futebol, a piscina, o parque dos mais pequenos e oferecem um ambiente de beleza e frescura e abundância à parte trazeira da nossa Casa. Num dia destes encontrei paz ao deitar abaixo os rebentos novos do tronco bravio dos pequenos citrinos. Fez-se luz no meu espírito. Ganhei coragem. Olhei a beleza das árvores e sonhei-as daqui a meia dúzia de anos carregadas de lindos frutos vermelhos a salpicar o verde escuro das copas frondosas.

Tenho andado arrazado. Sonhava este ano com um aproveitamento em chelo de todos os Rapazes. As desilusões são o sofrimento maior da vida humana.

Um grupo de adolescentes organizou uma batalha para a sua derrota, tentando derrotar-me a mim. Eles sabem, por intuição, que me derrotam derrotando-se e me vitoriam vencendo-se.

O primeiro assalto foi dado pelo Pedro. O Pedro é generoso e bom. Foi na conversa dos derrotados que falam sempre numa linguagem fácil de se

Cont. na TERCEIRA página

Festas

Enquanto a zona norte vai saboreando em festa a nossa presença, a zona centro prepara-se para nos receber depois da Páscoa.

Temos a romaria do centro quase organizada. Partiremos na noite do dia 8 da Lousã, saltaremos ao Luso, passaremos a Coimbra, iremos pela beira mar, subiremos à serra e descenderemos de novo a Coimbra.

As terras do costume todas prometeram abrir-nos alegremente as portas. Luso e Ceira teimam que nos hão-de receber bem.

Em nossa Casa a azáfama continua. Ontem a «Opel» foi buscar uma carrada de instrumentos que visinhos nos emprestaram. Há alvoroço em todos os cantos. As festas são festas.

Muita atenção ao itinerário, que publicamos na 4.ª página.

Padre Horácio

Aqui Lisboa

Se não fora a presença de Alguém, cujo anonimato escrupulosa e gostosamente, como é hábito, respeitaremos, quase se poderia dizer ter sido em vão, até agora pelo menos, o que aqui escrevemos a propósito das «Bodas de Prata» da Casa do Gaiato de Lisboa. Só o facto, porém, de nos considerarem como «intermediários» na transferência para esta Casa de «alguma coisa que Deus e a Sociedade nos vão entregando», compensa bem os esforços realizados no dia a dia do posto de combate em que nos situamos. O bafo das almas grandes, que as há ainda, é algo que nos aquece e transmite confiança optimista, no meio das dúvidas e das inquietações dum mundo cheio de contraste, em que o egoísmo e a desorientação parecem imperar.

X X X

Fora os nossos Tropas, temos presentemente entre nós 104 Rapazes. Até ao momento em que escrevemos, desde o início do ano, já recebemos 23 pedidos de admissão que não podemos atender. Não corremos, pois, o perigo de ver a Casa vazia. Quem estará, porém, disposto a renunciar à vida vulgar, tantas vezes oca de sentido, para olhar pelos filhos de ninguém? O mundo anda cheio de palavreado e de «slogans» sem repercussão vital! «Tudo o que fizeste a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizeste», eis a palavra do Mestre de quem muitos ainda se dizem discípulos. Não haverá pelos Seminários, ou fora deles, Jovens dispostos a darem a vida «até ao desgaste final», como disse Pai Américo? E Senhoras, não se encontrarão por aí à procura de se realizarem em pleno, ao sabor dos grandes ideais do Evangelho? Tanta

Cont. na QUARTA página

Lourenço Marques

UMA NOVA PERSPECTIVA
DA NOSSA ESCOLA



Contrastes: — Foram dias de intensa amargura os que há pouco vivemos. Imprensa e rádio de mãos dadas, com honras de primeira página ou em períodos de emissão com grande destaque, anunciavam concursos, farras, onde se queimavam grandes somas de dinheiro, em holocausto ao deus-ventre, ao deus-prazer.

Entretanto, à nossa porta iam chegando gemidos. Era o caso daquele garoto que se viu de um momento para o outro privado do pai, que foi preso, e abandonado da que fazia as vezes de mãe. Restava uma ve-

lha avó, sem poder pagar a renda de casa, sem meios materiais para acudir ao sustento do seu neto e à sua educação.

Mais o caso daquela mãe que se viu abandonada pelo marido, com sete filhos ao seu redor. Mais outra nas mesmas circunstâncias. E poderíamos continuar. É a cidade do cimento a crescer e a empurrar para longe a cidade dos adobes das cubatas, sem condições de vida, onde a doença mina os corpos e mata as crianças inocentes. Uns gozam des-

Cont. na QUARTA página

